

Nós somos a vanguarda: uma história do uso de heroína na Holanda da década de 1970 feita por baixo

Gemma Blok

Resumo

Na década de 1970, a Holanda (como muitos outros países ocidentais) ficou chocada com uma onda repentina de uso de heroína. A “epidemia” de heroína atualmente é enquadrada como um problema de saúde pública que foi resolvido de uma forma digna de louvor. Entretanto, os usuários foram posicionados “losers”. Usando memórias escritas e entrevistas com ex-usuários, este artigo argumenta que o uso de heroína foi inicialmente ligado à rebelião cultural, autodesenvolvimento e crítica social. Precisamos levar em conta este aspecto esquecido da história da “epidemia” de heroína holandesa quando tentamos explicar esse fenômeno histórico.

- - - - -

Em 2010, uma transmissão de notícias de rádio holandesa anunciou que o usuário da heroína havia desaparecido das ruas¹. A “epidemia” de uso de heroína, que havia começado no início da década de 1970, foi declarada oficialmente terminada. Dos cerca de 30 mil usuários de heroína na Holanda no início da década de 1980, restam hoje cerca de 14 mil². Sua idade média é de 55 anos. A grande maioria deste grupo atualmente recebe metadona - um substituto sintético para heroína - diariamente. Cerca de 600 pessoas estão no tratamento assistido por heroína, o que significa que eles vão a uma clínica várias vezes ao dia para usar heroína prescrita em um ambiente controlado. De acordo com Wim van den Brink, professor de psiquiatria e toxicodependência na Universidade de Amsterdã, a introdução do tratamento assistido com heroína na Holanda ao redor do ano 2000 tem sido um ingrediente chave na diminuição do incômodo público e da criminalidade causada por usuários de drogas duras³.

As narrativas oriundas do tratamento e da política de dependência dominam a memória da onda de uso de heroína na Holanda nas décadas de 1970 e 1980. Apresentam a imagem positiva de um problema de saúde pública que foi resolvido de uma forma digna de louvor. Em 1989, o funcionário holandês

¹ “Heroïneverslaafde uit straatbeeld verdwenen”, De Praktijk, *NPO Radio 1*, 18 August 2010.

² Trimbos Instituut, *Nationale Drugsmirror 2013–2014* (Utrecht 2014) 108.

³ Wim van den Brink in: “Heroïneverslaafde uit straatbeeld verdwenen”, De Praktijk, *NPO Radio 1*, 18 August 2010.

Eddy Engelsman, empregado no Ministério do Bem-Estar, da Saúde Pública e da Cultura, afirmou com orgulho que “os holandeses são pessoas sóbrias e pragmáticas, que optam por uma abordagem realista e prática do problema da droga, sem moralismos ou dramatizações”⁴.

No tratamento da dependência holandesa, durante os anos 1980 e 1990, o foco mudou lentamente da abstinência completa para uma aceitação relutante de recaídas e uso crônico de drogas. Um novo objetivo de tratamento foi formulado como “redução de danos”, minimizando os danos causados pela dependência de drogas, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade em geral. A partir do final da década de 1990, o paradigma de redução de danos foi apoiado por novas pesquisas que enquadram a dependência como uma doença crônica recidivante. Muitos especialistas holandeses adotaram esse modelo⁵.

O impacto da abordagem holandesa, argumentam os especialistas, tem sido que os toxicodependentes têm sido posicionados como “losers”⁶. Por exemplo, em *Substance Abuse: A Global View* (2002), o professor americano em Saúde Mental, Andrew Cherry, escreve que “porque as autoridades holandesas não processam os toxicodependentes simplesmente pelo uso de drogas e porque o estado fornece a metadona como um substituto”, o estilo de vida do dependente de heroína não é considerado pelos jovens holandeses como uma forma de rebelião cultural⁷. A imagem “loser” do usuário de heroína provavelmente foi estimulada pela representação pública de dependentes em situação de rua pálidos, esfarrapados e desesperados, que eram onipresentes em muitas cidades holandesas até o início do século XXI, que podiam ser vistos injetando heroína em corredores ou varandas, ou esperando na fila das unidades móveis para a manutenção da metadona.

⁴ Eddy Engelsman, “Dutch Policy on the management of drug-related problems”, *British Journal of Addiction* 84 (1989) 211–218; 212 DOI 10.1111/j.1360–0443.1989.tb00571.x.

⁵ Anja Krabben, Toine Pieters and Stephen Snelders, *Chemie van verslaving. Over genen, hersenstoffen en sociale zwakte* (Houten 2008); Zon MW, *Verslaving. Slotpublicatie* (Den Haag 2005).

⁶ Andrew Cherry, Mary E. Dillon and Douglas Rush (eds.), *Substance Abuse. A Global View* (Westport 2002) 159; Han Israëls and Annet Mooij, *Aan de Achtergracht. Honderd jaar GG & GD Amsterdam* (Amsterdam 2001) 181.

⁷ Cherry, Dillon and Rush (eds.), *Substance Abuse*, 159.

Na limitada historiografia do uso de heroína, esta droga simboliza a “ressaca” dos anos sessenta. Durante o “Verão de Amor”, todos estavam felizes e juntos, compartilhando LSD, com as cabeças cheias de sonhos sobre um mundo melhor. Na década de 1970, a atmosfera mudou devido à recessão econômica, o aumento do desemprego juvenil e o desapontamento sobre o lento ritmo das mudanças sociais e políticas. Observadores contemporâneos argumentam que os jovens se voltaram para os opiáceos como a última resposta nihilista para seu desespero⁸. Em geral, a década de 1970 é muitas vezes considerada um “período triste”, escreve o historiador holandês Duco Hellema, uma década em que as ambições dos anos sessenta pareciam perecer no mal-estar social e no individualismo⁹. Aqueles que eram jovens na década de 1970 caracterizaram-se como uma “geração perdida”¹⁰. Os cientistas sociais holandeses apresentam a heroína como a droga perfeita para esta década depressiva, argumentando que a dependência aumentava uma vez que “as perspectivas dos jovens estavam ficando mais sombrias. Eles tiveram dificuldades em garantir um lugar na sociedade e no mercado de trabalho. Por isso, eles não se sentiam seguros e protegidos em lugar algum. Eles se sentiram ameaçados em sua identidade”¹¹.

No entanto, embora o “viciado em heroína” tenha se tornado um “looser” na imagem pública desde o final da década de 1980, um “paciente” vulnerável aos olhos de especialistas em vícios e um símbolo da década “triste” de 1970 no discurso acadêmico, durante a década de 1970, o status subcultural da heroína ainda era bastante elevado. Com esta droga, os usuários podiam se sentir incluídos socialmente, como pessoas que ridicularizavam valores dominantes sobre trabalho, disciplina e realização pessoal. O fato de que o uso de heroína estava inicialmente ligado à rebelião cultural, autodesenvolvimento e crítica social é um aspecto esquecido da história da “epidemia” de heroína holandesa.

⁸ Eric C. Schneider, *Smack. Heroin and the American city* (Philadelphia 2008) chapter 8 (e-book) 20 DOI 10.9783/9780812203486.

⁹ Duco Hellema, *Nederland en de jaren zeventig* (Amsterdam 2010) 15.

¹⁰ Ed van Eeden en Peter Nijssen, *Jong in de jaren zeventig. Tijdsbeeld van een generatie* (Utrecht, Antwerpen 1993).

¹¹ Albert Felling, Jan Peters en Peer Scheepers (eds.), *Individualisering in Nederland aan het eind van de twintigste eeuw* (Assen 2000) 26.

Usando uma variedade de histórias de vida de (ex) usuários holandeses como meu material de origem, este artigo posiciona o uso de heroína como fenômeno cultural. Em vez de concentrar-me na história do tratamento ou na identificação de grupos sociais específicos de usuários, meu foco será sobre o significado que os indivíduos dão ao seu uso, concentrando-me nos enquadramentos do uso de drogas na cultura popular e nos rituais que cercam seu cotidiano. Esta história cultural parte de uma questão básica: como e por que a heroína se tornou tão popular na década de 1970?

Fontes vindas de baixo

Para o historiador das drogas, a análise de subculturas do passado é uma tarefa difícil. Além da quantidade limitada de usuários que escreveram panfletos, livros ou memórias, como o “comedor de ópio” Thomas De Quincey (1785-1859) ou “drogado” Aleister Crowley (1875-1947)¹², o uso de drogas tem sido principalmente uma forma de comportamento privada, oculta ou subcultural - especialmente, é claro, após a legislação antidrogas do século XX, quando o uso não médico e recreativo de opiáceos, anfetaminas, cocaína e maconha se tornou ilegal. Os historiadores que tentaram desvendar as experiências dos usuários de drogas no passado se voltaram principalmente para registros médicos ou policiais¹³.

No que diz respeito ao uso de heroína nas décadas de 1970 e 1980, a historiografia até agora se concentrou na evolução do tratamento da dependência, bem como nas políticas locais e nacionais de drogas¹⁴. Menos atenção foi dada ao

¹² Aleister Crowley, *Diary of a Drug Fiend* (London 1922); Thomas de Quincey, *Confessions of an English Opium Eater* (London 1822).

¹³ Caroline J. Acker, *Creating the American Junkie. Addiction Research in the Classic Era of Narcotic Control* (Baltimore 2002); Catherine Carstairs, *Jailed for Possession. Illegal Drug Use, Regulation, and Power in Canada, 1920–1961* (Toronto 2006).

¹⁴ Virginia Berridge and Alex Mold, *Voluntary Action and Illegal Drugs. Health and Society in Britain since the 1960s* (Basingstoke 2010) DOI 10.1057/9780230274693; Gemma Blok, ‘The Politics of Intoxication. Dutch Junkie Unions fight against the ideal of a Drug-Free Society, 1975–1990’, in: M. Dinges en R. Jütte (eds.), *The Transmission of Health Practices (c. 1500 to 2000)* (Stuttgart 2011) 69–88; Johan Edman, ‘Red Cottages and Swedish Virtues. Institutional Drug Treatment as an Ideological Project’, *Social History of Medicine* (2013) DOI 10.1093/shm/hkt033; Johan Edman and Karin Stenius, *On the Margins. Nordic Alcohol and Drug Treatment 1885–2007* (2007); Michael Gossop and John Strang, *Heroin Addiction and the British System. Vol. 1: Origins and Evolution* (London 2005); Alex Mold, *Heroin. The Treatment of Addiction in Twentieth Century Britain* (DeKalb 2009); René Renggli and Jakob Tanner, *Das Drogenproblem. Geschichte, Erfahrungen, Therapiekonzepte* (Berlin 1994); Martin Schmid, *Drogenhilfe in Deutschland. Entstehung und Entwicklung 1970–2000* (Frankfurt, New York 2003); Robert P. Stephens, *Germans on Drugs. The Complications of Modernization in Hamburg* (Ann Arbor

complexo fenômeno do aumento repentino do uso de heroína em si¹⁵. No caso da Holanda, o que sabemos é que, no final da década de 1960, uma pequena subcultura de drogas de cerca de 250 usuários de ópio e anfetaminas por via injetável cresceu em existência¹⁶. Quando comerciantes asiáticos introduziram heroína no mercado holandês em 1972, sua popularidade foi instantânea. Em 1974, Amsterdã já abrigava 5.000 usuários de heroína¹⁷. No início da década de 1980, o número de usuários na Holanda foi estimado em 30.000¹⁸. Eles formaram um grupo misto, composto por milhares de turistas de drogas, principalmente da América e da Alemanha, e (depois de 1975) entre 3.000 e 6.000 imigrantes da antiga colônia holandesa de Suriname¹⁹.

A perspectiva dos próprios usuários é difícil de ser encontrada. Ainda assim, é importante buscá-la ativamente, uma vez que as histórias de vida (memórias, autobiografias ou entrevistas) podem lançar novas luzes sobre o modo como as pessoas explicam suas ações. Como observa a historiadora Mary Jo Maynes e os sociólogos Jennifer Pierce e Barbara Laslett, “em contraste com estudos demográficos e *surveys*, que muitas vezes reduzem as pessoas a um conjunto de variáveis como raça, etnia e gênero, a análise pessoal efetiva fornece evidências sobre indivíduos como pessoas inteiras²⁰. Para chegar a uma visão mais abrangente da “epidemia” de heroína como um fenômeno histórico, devemos ouvir as “vozes silenciosas daqueles que não são fáceis de se ouvir, por uma razão ou por outra”²¹.

2007) DOI 10.3998/mpub.217711; Klaus Weinbauer, ‘Drug Consumption in London and Western Berlin during the 1960s and 1970s’, *The Social History of Alcohol and Drugs: An Interdisciplinary Journal (hereafter: SHAD)* 20 (spring 2006) 187–224.

¹⁵ Robert P. Stephens, *Germans on Drugs*. Klaus Weinbauer, “Drug Consumption in London and Western Berlin” 187–224.

¹⁶ Herman Cohen, *Drugs, druggebruikers en drug-scene* (Alphen aan de Rijn 1975). Peter Geerlings, ‘Ambulante hulp voor drugsgebruikers in Amsterdam’, in: W.K. van Dijk en L. H.C. Hulsman (eds.), *Drugs in Nederland* (Bussum 1970) 160.

¹⁷ Ed. Leuw, “Door schade en schande. De geschiedenis van drug-hulpverlening als sociaal beleid in Amsterdam”, *Tijdschrift voor Criminologie* 8 (1984) 153.

¹⁸ Gemma Blok, *Ziek of zwak. Geschiedenis van de verslavingszorg in Nederland* (Amsterdam 2011)182; Wim van den Brink, Vincent M. Hendriks and Jan M. van Ree, “Medical co-prescription of heroin to chronic, treatment-resistant methadone patients in the Netherlands”, *Journal of Drug Issues* 29 (1999) 587–608, 587.

¹⁹ Gemma Blok, “Pampering Needle-Freaks or Caring for Chronic Addicts? Early Debates on Harm Reduction in Amsterdam, 1972–1982”, *SHAD* 22 (2008) 243–261.

²⁰ Mary Jo Maynes, Jennifer L. Pierce and Barbara Laslett, *Telling stories. The Use of Personal Narratives in the Social Sciences and History* (Ithaca 2008) 15.

²¹ Sharon Macdonald, *Memorylands. Heritage and Identity in Europe Today* (London, New York 2013) 62.

Este artigo usará vários tipos de histórias de vida como fontes para construção de uma história “vinda de baixo” (ou seja, a partir da narrativa dos próprio usuários) sobre o uso da heroína nos anos 1970, começando com autobiografias que foram publicadas desde a década de 1980, escritas por (ex)usuários de heroína ou autorizadas por eles: Bart Chabot, *Broodje gezond* (1996), sobre a vida da estrela do rock Herman Brood; René van Collem, *Heroïne godverdomme* (2014); Peter Derks, *Heroïne: Het dorpje “stigma”* (2010); René Stoute, *Uit het achterland* (1985); e Chiel van Zelst, *100.000 fietsventielen* (1999)²².

Também existe uma grande quantidade de estudos sociológicos, criminológicos e médicos sobre usuários holandeses de heroína. Esses estudos revelam principalmente o “olhar” médico, sociológico ou criminológico, mas também os próprios usuários estão presentes. Uma pesquisa em particular difere a este respeito, uma vez que a perspectiva dos usuários está muito mais presente. Em 1982, os criminólogos holandeses Otto Janssen e Koert Swierstra publicaram um extenso trabalho sobre o uso de heroína na Holanda, com base em 68 entrevistas em profundidade com usuários “problemáticos”. Os entrevistados foram abordados durante suas permanências em instituições para tratamento e prisões. Embora os entrevistadores estivessem interessados em certos temas específicos, como as experiências com tratamento para dependência e as estratégias de sobrevivência econômica dos usuários, foi enfatizado que as entrevistas eram “abertas” e que os entrevistados poderiam escolher como queriam contar suas histórias²³. O valor deste estudo para uma história de uso de heroína a partir de baixo reside no fato de que várias das entrevistas originais foram publicadas quase que literalmente, e outras foram citadas ao longo do estudo²⁴.

²² Bart Chabot, *Broodje gezond* (Amsterdam 2001, 11th printing; originally published in 1996); René van Collem, *Heroïne godverdomme* (Utrecht 2014); Peter Derks, *Heroïne, het dorpje “Stigma”* (Zoetermeer 2010); René Stoute, *Uit het achterland* (Amsterdam 1985); Chiel van Zelst, *100.000 fietsventielen* (Amsterdam 1999).

²³ Otto Janssen and Koert Swierstra, *Heroïnegebruikers in Nederland. Een typologie van levensstijlen* (Groningen 1982).

²⁴ Infelizmente, as fitas originais das entrevistas não sobreviveram, por isso é impossível verificar até que ponto essas citações foram editadas. Ainda assim, essas histórias de vida, como podemos supor que foram relatadas aos pesquisadores em 1979 e 1980, formam um tipo único de material de origem, que será usado neste artigo para analisar como os usuários explicaram e moldaram seu próprio uso de heroína, naquele momento.

O terceiro tipo de história de vida usada neste artigo é uma coleção de entrevistas com dezessete (ex)usuários de heroína. Estes dados foram coletados como parte de um projeto com histórias orais sobre o uso de heroína na Holanda, no qual comecei a trabalhar em janeiro de 2015. Meu objetivo final é entrevistar um grupo substancial e diversificado de (ex)usuários de opiáceos. Até agora, dezessete antigos usuários foram entrevistados. Todos os participantes responderam a um anúncio que publiquei em um jornal nacional holandês, ou em reação a um convite no site do referido projeto, www.heroineepidemie.nl²⁵. As entrevistas foram realizadas usando uma abordagem semiestruturada da história da vida.

O uso da história oral ainda não ganhou proeminência na história do uso de drogas. No entanto, uma vez que as autobiografias, memórias, cartas ou diários escritos por usuários de heroína são escassos, as entrevistas formam uma fonte importante para os historiadores da droga. Seu valor é demonstrado pelos viciados que sobreviveram. Uma história oral de uso de narcóticos na América, entre 1923 e 1965 (1989), foi escrita pelo historiador americano David Courtwright na década de 1980. Junto com outros dois pesquisadores, Courtwright entrevistou 32 usuários envelhecidos, que começaram a usar opiáceos na década de 1920, 1930 e 1940²⁶. Suas histórias oferecem uma visão única sobre a subcultura da droga do período.

As entrevistas que realizei com um grupo selecionado de antigos usuários de drogas não são representativas de toda a população de sobreviventes da “epidemia” de heroína holandesa. Em primeiro lugar, todos esses entrevistados conseguiram quebrar seu hábito, embora após longos períodos de uso. A maioria deles é branca (16) e masculina (11). Suas idades são entre 55 e 70. Embora esta seja uma quantidade limitada de histórias de vida, elas são valiosas, pois esses entrevistados são, em geral, muito capazes de refletir sobre o uso passado da heroína. Como eles estão abstinentes e motivados para contar suas histórias, suas narrativas são bastante ricas e eloquentes.

Além disso, ao contar suas histórias, muitos (ex)usuários de heroína tendem a enfatizar sua própria escolha no assunto, contando como buscaram ativamente a droga, por várias razões. Apesar dos muitos arrependimentos que desenvolveram

²⁵ Hanna Bijl, “Waarom spoot Jan en alleman zich kapot?”, *Het Parool*, 26 January 2015.

²⁶ David Courtwright, Herman Joseph and Don Des Jarlais, *Addicts Who Survived. An Oral History of Narcotic Use in America, 1923–1965* (Knoxville, 1989).

mais tarde, e as dificuldades e perdas que a heroína lhes causou (como eles facilmente admitem), suas histórias também refletem conotações positivas que o uso de heroína (uma vez) teve para elas. As drogas podem desempenhar todos os tipos de papéis sociais positivos (marcadores de identidade, parte de eventos de socialização e convivialidade, símbolos de “capital subcultural”...). Em muitas subculturas juvenis, o uso de drogas é parte importante do “estar por dentro”, mas também pode significar exatamente o oposto em uma cena particular, de acordo com a socióloga Sarah Thornton²⁷. As histórias de vida de usuários holandeses sugerem que isso também foi o caso de heroína na década de 1970.

Na superfície, quase todos os entrevistados se afastaram do seu passado de uso de drogas. A narrativa dominante na maioria (16) das dezessete entrevistas realizadas para este artigo é de arrependimento e perda. O uso da heroína, disseram, custou-lhes muito em termos de saúde mental, relações sociais, carreiras, desenvolvimento pessoal e riqueza. No entanto, quando eles começam a lembrar de locais específicos de uso, de outros usuários, das músicas que ouviram e das sensações que a droga produzia originalmente, as funções e ambições mais positivas que uma vez estiveram conectadas à heroína brilhavam.

“Romantismo cru e urbano”

Para muitos adeptos precoces do uso de opiáceos na Holanda, o famoso escritor da geração beat americana, William Burroughs (1914-1997), foi o último “junkie hero”²⁸. No pequeno grupo de usuários de ópio injetável na Holanda do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, Burroughs era conhecido como o “Antigo Mestre”. Em 1970, foi publicada a tradução holandesa do romance autobiográfico de Burroughs, “Junkie” (1953)²⁹. Burroughs descreveu, em detalhes vivos, várias maneiras de consumir opiáceos e enganar médicos. Escrevendo abertamente sobre as dores e os

²⁷ Sarah Thornton, “The social logic of subcultural capital”, in: Ken Gelder ed., *The Subcultures Reader* (New York 2005) 184–193.

²⁸ Para a influência de Burroughs na cena de opiáceos, veja, por exemplo, Eddie Wood, “Bill Burroughs in Amsterdam”; Rene Stoute, *Uit het achterland* (1985); Martijn Haas, *Dr. Rat. Godfather van de Nederlandse graffiti* (Amsterdam 2011) 103–107; Bart Chabot, *Broodje Gezond*; interview G. Blok with Rob Le Coultre, 15 May 2010, and with Eric Hoogendorp, and Sjon B.; Arend-Jan Heerma van Voss, “Junkie”, *Haagse Post* 1977.

²⁹ William Burroughs, *Junkie* (Amsterdam, 1970).

prazeres do uso de opiáceos, Burroughs colocou-se na tradição romântica de autobiografias de drogas como as *Confissões de um comedor de ópio inglês* (1821) de Thomas de Quincey. Burroughs, no entanto, evitou o lirismo e escreveu suas memórias de opiáceos como um relatório direto e mortal de uso de heroína em Nova York.

Burroughs começou a usar opiáceos em 1945, quando os Estados Unidos estavam experimentando uma onda de uso de heroína. Times Square foi o centro desta “epidemia” de opiáceos pós-guerra. Os soldados retornaram da Europa após a II Guerra Mundial com um hábito de opiáceos e levaram consigo os chamados *syrettes* (dispositivos para injetar morfina líquida). Além disso, durante a década de 1940, muitos músicos de jazz, como Billy Holiday e Charlie Parker, usavam a heroína³⁰. A mistura reunia músicos de jazz da Times Square, veteranos de guerra, proxenetas, prostitutas, pequenos criminosos e intelectuais burgueses ocasionais, como Burroughs.

Para Burroughs e seus amigos, Alan Ginsberg e Jack Kerouac, a multidão da Times Square simbolizava um tipo único de conhecimento sobre a vida, decorrente da experiência direta. O uso de drogas, nos olhos desses escritores da *Beat Generation*, estava ligado à autenticidade. Quando foi publicado em 1953, no entanto, “Junkie” passou completamente despercebido, e seguiu assim até a próxima onda de uso de heroína nos EUA, durante os anos 1960 e 1970, quando Burroughs tornou-se herói para uma nova geração de usuários de drogas. Os fãs cobriram-no com presentes de heroína, esperando uma chance de tomar um pico com o “Padrinho do Narcótico”³¹. Na Holanda também, Burroughs conquistou fama em círculos subterrâneos. Ele visitou Amsterdã várias vezes em meados de 1980, para ler em festivais de poesia no centro cultural de Leidseplein, o Melkweg. Em Amsterdã, Burroughs também visitou um local conhecido de usuários de drogas em Spuistraat, chamado HUK³². Até então, ele estava nos anos sessenta: parecia muito mais velho, com a pele seca e rachada, e era muito charmoso. Para usuários de heroína holandeses, ele simbolizava o fato de que você poderia ser famoso e envelhecer com um hábito de opiáceos³³.

³⁰ Schneider, *Smack*, chapter 3.

³¹ Schneider, *Smack*, 144.

³² Martijn Haas, *Dr. Rat. Godfather van de Nederlandse graffiti* (Amsterdam 2011).

³³ Interview G. Blok with S. B., 24 February 2015.



Fragmento de um quadrinho do ex-usuário de heroína, Eric Krabbenbosch, sobre a vida cotidiana no “HUK”, uma notória sala de consumo de drogas em Amsterdã na década de 1970. Coleção privada.

Outro veículo para a associação de rebeldia cultural com uso de opiáceos era a música. Na cena pop de Nova York, Andy Warhol cultivou amizade com estrelas elegantes que usavam heroína, como os modelos Edie Sedgwick e Nico, e músicos pop como John Cale e Lou Reed. O famoso álbum de 1967, “Velvet Underground and Nico”, produzido por Warhol, continha músicas como “Heroin” e “Waiting for the man”, com letras que discutem abertamente o uso de opiáceos. Em acontecimentos teatrais provocadores, Warhol e seus amigos apresentaram o uso de speed e heroína como parte do modo de vida de pessoas “reais”, e não “plásticas”³⁴.

Peter Pontiac (1951-2015), um famoso cartunista holandês que usou heroína na década de 1970, declarou que o “romantismo cru e urbano” do álbum “Velvet Underground and Nico” influenciou-o fortemente³⁵. Ele não estava sozinho nisso: quando Lou Reed estava viajando pela Europa em 1974, seus três concertos na Holanda tiveram lotação esgotada³⁶. Uma seção extra no teatro Carré foi inserida no programa para acomodar a enorme demanda³⁷. O

³⁴ Ken Goffman en Dan Joy, *Counter Culture Through the Ages. From Abraham to Acid House*(New York 2004) 314; Timothy Hickman, “Heroin chic. The Visual Culture of Narcotic Addiction”, *Third Text* 16 (2002) 119–136 DOI 10.1080/09528820210138272.

³⁵ Sarah Berkeljon, “De dood wordt al genoeg gehaat”, *De Volkskrant* 22 January 2015.

³⁶ Lou Reed played at the Amsterdam Concertgebouw, the Congresgebouw in The Hague, and De Doelen in Rotterdam.

³⁷ “Extra Lou Reed concert”, *De Tijd. Dagblad voor Nederland*, 10 mei 1974.

público em Roterdã ficou chocado quando Lou Reed, interpretando “Heroin”, na verdade parecia tomar um pico no palco. “Quando eu coloco um pico na minha veia, eu me sinto como se eu fosse um homem”. Ele cantou a letra famosa e passou um fio de microfone ao redor do braço, tirou uma seringa do bolso do jeans e pareceu injetar-se. Foi o destaque do concerto e fez o público tremer com horror e fascínio³⁸. Tudo foi uma encenação, mas definitivamente a intenção de Lou Reed era parecer real. Ele realizou este ato regularmente durante toda sua turnê europeia de 1974³⁹.

A “Liga Maior” dos usuários de drogas

O historiador alemão Klaus Weinhauer, escrevendo sobre o consumo de drogas na Inglaterra e na Alemanha durante os anos 1960 e 1970, afirma que os consumidores de heroína “[...] organizaram o primeiro ‘tiroteio’ (suas primeiras injeções) individualmente, seguindo o lema: ‘fazer um culto fora de um tiro’. Eles carregavam suas seringas (sua “arma”) em caixas de madeira pretas adornadas com cetim vermelho fino ou, de forma mais masculina, armazenavam as seringas nas paredes de seus aposentos. Além disso, a primeira injeção do “material” também foi um teste de coragem, um ritual de iniciação⁴⁰.



Um dos usuários de drogas em frente ao “HUK” em Amsterdã.
Coleção privada.

³⁸ Rinus van der Heijden, “Necrologie: Lou Reed: bruggebouwer tussen rock’n roll en punk”, www.jazzenzo.nl (17 December 2016).

³⁹ Howard Sounes, *Lou Reed. Een leven in de Velvet Underground* (Amsterdam 2016)187.

⁴⁰ Ibidem.

As histórias de vida de usuários holandeses de heroína pintam um quadro em que o uso de opiáceos emerge como parte da formação da identidade e como prova de masculinidade. Alguns usuários fizeram da injeção de opiáceos um show, como por exemplo, espalhando o caso do médico que teria operado sua parafernália de uso em plena mesa de um pub, como o artista do grafite do punk “Dr. Rat” (Ivar Viçs). Em uma festa de noivado de Amsterdã, no final dos anos 1960, um usuário de ópio injetável teve seu braço garroteado com um lenço preto por uma garota que mais parecia uma assistente de mágico, e injetou seu ópio à vista de todos⁴¹.

Tjeerd Keulemans⁴² e vários outros entrevistados argumentam que entre os usuários de heroína havia um certo “orgulho junky” - a sensação de que um usuário de heroína *real* usava a agulha e atirava sua droga diretamente na veia. Essa convicção, segundo ele, era “quase religiosa”. De acordo com o psicólogo Herman Cohen, que publicou um estudo sobre o uso de drogas na Holanda em 1975, aqueles que injetavam drogas sentiam-se superiores ao usuário “normal”, porque atravessaram a fronteira final⁴³.

Por exemplo, em sua novela autobiográfica, “Uit het achterland” (1985), o ex-usuário de ópio e heroína, René Stoute, oferece uma descrição vívida do uso de opiáceos como uma forma de capital subcultural. Vivendo na cidade holandesa de Haarlem no final da década de 1960, Stoute foi fascinado por um herói de contracultura local chamado Max. Este homem tinha retornado de suas viagens de hippie na Ásia com o hábito do uso de opiáceos, e ao voltar a Haarlem ele continuou usando o ópio, comprado - como a maioria dos usuários de opiáceos na época - junto à comunidade chinesa em Amsterdã. Para o povo de Haarlem, ele era conhecido como “Dirty Max”, já que ele não se preocupava muito com a higiene pessoal. Para o jovem René Stoute, no entanto, Max era uma figura enigmática, enquanto estava sentado no seu pub favorito, cercado

⁴¹ Cohen, *Drugs, druggebruiker en drug-scene*, 85; Martijn Haas, *Dr. Rat. Godfather van de Nederlandse graffiti* (Amsterdam 2011) 106.

⁴² Este é um pseudônimo, pois o entrevistado prefere permanecer anônimo. A transcrição da entrevista, realizada em 25 de novembro de 2015, é mantida com o autor deste artigo.

⁴³ Cohen, *Drugs, druggebruiker en drug-scene*, 113.

por um grupo de jovens admiradores, fumando hash de seu chillum, contando contos emocionantes sobre suas aventuras na Índia. Stoute queria ser exatamente como Max, que simbolizava o melhor modo de “separar-se da burguesia”⁴⁴. Ele repetidamente pediu a Max para apresentá-lo ao ópio. Demorou um tempo antes de Max estar disposto a fazê-lo. De acordo com Stoute, “não foi permitido que entrasse na liga principal fácil assim”.

De acordo com Weinbauer, “o consumo de heroína era individualizado e quase não baseado em grupo”⁴⁵. No entanto, em muitas histórias de vida, o uso se apresenta como uma atividade coletiva - pelo menos durante os estágios iniciais. Os inquiridos começaram a usar heroína com amigos mais ou menos próximos, que conheciam regularmente em bares, clubes juvenis ou *squats*. Para alguns, a heroína era algo como uma “droga da festa”, quando fumavam ou injetavam nos banheiros de clubes como Paradiso (Amsterdã), Vera (Groningen) ou Paard van Troje (Haia). Jim Pattiasina relatou como cada fim de semana ele foi a Amsterdã com seus amigos molucanos para ir ao clube do Red Light District, relaxar ouvindo *soul music* e fumar maconha⁴⁶. Ao longo do tempo, os cigarros cheios de heroína substituíram os baseados.

Como Keulemans, muitos entrevistados não usaram apenas heroína, mas de tudo, desde o início da década de 1970 até o início da década de 1980, começando com álcool e maconha, depois speed, LSD e cogumelos. Após algumas experiências, a heroína entrou no jogo. O ex-usuário Leo de Roos iniciou sua carreira inspirado nos “hippies” que circulavam na praça de sua pequena cidade natal. Em 1973, com quatorze anos, estava fumando com eles. Depois disso ele foi apresentado ao LSD. “Nós ouvíamos The Doors, Janis Joplin, Frank Zappa ... Eu li *The electric kool-aid acid test* (de Tom Wolfe, 1971, GB.), sobre Ken Kesey e seus Merry Pranksters. Eu pensei que era tudo muito *cool*, muito interessante, foda, você sabe... Foi aqui que eu me iniciei”⁴⁷.

⁴⁴ Rene Stoute, *Uit het achterland* (Zwolle 1985) 71.

⁴⁵ Weinbauer, “Drug consumption in London and Western Berlin”, 200.

⁴⁶ Este é um pseudônimo, pois o entrevistado prefere permanecer anônimo. A transcrição da entrevista, realizada em 12 de maio de 2015, é mantida com o autor deste artigo.

⁴⁷ Este é um pseudônimo, pois o entrevistado prefere permanecer anônimo. A transcrição da entrevista, realizada em 18 de maio de 2015, é mantida com o autor deste artigo.

Pouco depois, De Roos foi apresentado à heroína. Em muitas das histórias de vida, ex-usuários relatam o uso de múltiplas drogas, sugerindo que a diferença entre a otimista “revolução psicodélica” dos anos sessenta e a “epidemia” niilista de uso de heroína nos anos setenta é menos pronunciada do que é frequentemente assumido. A heroína simplesmente era uma das drogas que estavam disponíveis durante esses anos, no final da década de 1960 e início da década de 1970. Como um entrevistado disse aos criminologistas Janssen & Swierstra, a heroína era recomendada por boca a boca. Se alguém estava entediado com o speed, então por que não tentar a heroína, a novidade da droga mais recente⁴⁸? Para alguns, a heroína era uma droga calmante após experiências intensas de LSD. Tjeerd Keulemans descreveu da seguinte maneira:

A razão pela qual continuei usando heroína, depois de tentar uma vez, era que eu estava muito confuso depois de todas essas viagens em LSD e cogumelos. A heroína me fez sentir quieto. Era o antídoto perfeito para todo o caos e confusão na minha cabeça.

14

Vários dos entrevistados de Janssen & Swierstra relataram como a heroína era uma espécie de automedicação após um período de uso intensivo de speed, o que pode resultar em sentimentos paranoicos, problemas para dormir e até psicose. Por volta de 1970, uma pequena onda de uso problemático de speed intravenosa estava ocorrendo na Holanda⁴⁹. Heroína era a droga perfeita para uma pessoa que estava enlouquecendo com speed.

Opiáceos e criatividade

Usuário alemão de heroína na década de 1970, Klaus Weinbauer afirma, “cultivou uma masculina ‘ideologia da doce vida curta’, onde o risco de morrer era ignorado”⁵⁰. O uso de heroína é frequentemente descrito como um namoro niilista com a morte. Curiosamente, muitos (ex)usuários de heroína holandeses, olhando para trás, descrevem suas primeiras experiências com opiáceos em

⁴⁸ Janssen and Swierstra, *Heroïnegebruikers in Nederland*, 180.

⁴⁹ Blok, *Ziek of zwak*, 170–180.

⁵⁰ *Ibidem*, 206.

termos de vida. Eles dizem que não usaram heroína para escapar de seus problemas, ou foram empurrados para usá-lo pelos colegas; eles procuraram ativamente a droga. Nelleke Oldenburg, por exemplo, quando era adolescente, estava caminhando com a multidão da moda na cidade holandesa de Hilversum. Um dia, ela viu um homem injetando heroína, e imediatamente pensou: “Eu quero fazer isso também!”⁵¹. Logo depois ela pediu a seu namorado para dar-lhe um pico e gostou muito. Outro usuário holandês de heroína, o famoso artista e estrela do rock Herman Brood, testemunhou alguém injetando ópio no final da década de 1960. Ele também afirmou que seu único pensamento era: “Eu também quero fazer isso!”⁵².

Os narradores se esforçam para encontrar as palavras apropriadas para descrever as alegrias da heroína, usando frases como “intensas”, “fantásticas”, “muito profundamente satisfatórias”, um “regresso a casa”, “tudo está bem” ou “a resposta que eu estava procurando toda a minha vida”. Curiosamente, essa súbita libertação de preocupações, medos e inseguranças aparentemente gerou um sentimento de liberdade mental. O cartunista Peter Pontiac lembra que, depois de tomar seu primeiro pico de ópio, ele começou a chorar, porque ele finalmente poderia relaxar. Era como se depois de muitos anos, ele finalmente fosse autorizado a tirar os sapatos apertados⁵³. Muitos entrevistados falam sobre finalmente limpar suas casas, pintar, desenhar, tirar fotografias ou fazer música. Eles experimentaram um novo tipo de energia e confiança.

“Muita criatividade foi desencadeada dentro de mim”, afirmou Nelleke Oldenburg. A droga permitiu que ela fosse “tranquila em si mesma” e fazer o que sempre quis fazer, o que, em seu caso, era desenhar e escrever poemas. A imagem estereotipada do viciado que assente com a cabeça, olhando seus sapatos, claramente não se aplica aos usuários que recentemente começaram a usar heroína e ainda podem se contentar com quantidades menores da droga. Eric Hoogendorp, que começou a injetar speed e ópio na década de 1960, me disse que depois de injetar o ópio, ele sempre começava a desenhar

⁵¹ Este é um pseudônimo, pois o entrevistado prefere permanecer anônimo. A transcrição da entrevista, realizada em 03 de março de 2015, é mantida com o autor deste artigo.

⁵² Chabot, *Broodje gezond*, 137.

⁵³ Berkeljon, “De dood wordt al genoeg gehaat”.

imediatamente: “Eu sempre carregava um conjunto de lápis rotativos e um caderno no qual eu poderia desenhar. E ouvia boa música. Eu ainda sou um conhecedor de jazz. Eu amo John Coltrane, e eu sou fanático de Eric Dolphy”⁵⁴.



Um usuário toma um pico de heroína no Nieuwmarkt em Amsterdã, Holanda, 3 de abril de 1984.
Nationaal Archief, Collectie Spaarnestad / ANP.

Seus amigos, ele afirma, todos aspiravam serem artistas. Um deles, quando estava alto, trabalhou em uma enorme imagem pintada nas paredes de seu apartamento. Hoogendorp, de fato, fez uma distinção entre sua própria “geração” de usuários de drogas - os primeiros adeptos da cultura de opiáceos e de speed no final da década de 1960, que eram “artistas em primeiro lugar - e a geração posterior de viciados em heroína”. Outros entrevistados contaram histórias semelhantes sobre criatividade e uso de opiáceos. Um deles, Karel Groote, era um aspirante a um fotógrafo. Ele afirmou que a heroína fez com que ele se sentisse inspirado. “Foi um bom efeito, no início. Isso não me fez passivo demais. Fiquei inspirado, fiz algumas das minhas melhores fotografias”⁵⁵. Na

⁵⁴ Interview with Eric Hoogendorp, 17 February 2015.

⁵⁵ Interview with K.G., 15 March 2015.

entrevista, ele fez questão de enfatizar a diferença entre a heroína e o álcool a esse respeito: “Na heroína, você realmente pode trabalhar. Quando você usa álcool, e você fica embriagado e acha que pode fazer tudo, mas não produz nada. Na heroína, você faz”. Significativamente, muitos entrevistados mencionam Peter Pontiac (“Dr. Rat”) e Herman Brood - usuários de heroína que eram bastante famosos na Holanda, tanto pelo uso de drogas quanto pela produção criativa em quadrinhos, graffiti e música e pintura, respectivamente. Eles parecem ter sido modelos para usuários de heroína na década de 1970, pois eles conseguiram usar drogas e ser criativos, famosos e admirados ao mesmo tempo. As ambições criativas são um tema significativo em muitas entrevistas e memórias de ex-usuários de heroína.

A sociedade dos hipócritas

A crítica social dos usuários de heroína holandeses é menos explícita e mais rara se comparada às críticas expressas por revolucionários psicodélicos. Os usuários de heroína não publicaram revistas subterrâneas ou organizaram *happenings*⁵⁶. Portanto, temos que procurar seus pontos de vista em autobiografias e entrevistas. Lá, surge um discurso em que os elementos-chave são a estigmatização dos usuários de heroína, bem como a hipocrisia, o materialismo e o impulso competitivo das chamadas pessoas normais. O ex-usuário de heroína Chiel van Zelst, em sua novela autobiográfica *100.000 fietsventielen* (Amsterdam 1999), conta que observava pessoas nas ruas. Com sua namorada, ele fazia comentários cínicos sobre os transeuntes:

[...] cuzões com suas pastas e cortes de cabelo apertados. No caminho para seus bons trabalhos [...]. Todos radiantes e frescos, vivendo em casas cheias de toalhas fofas e frutas frescas. Prontos para o sucesso e a glória em um mundo branco onde nada é impossível. Eles pegaram a luva do sucesso e entraram na batalha para brilhar no palco. Ser sério é uma doença assustadora⁵⁷.

⁵⁶ Stephen Snelders, ‘Het gebruik van psychedelische middelen in Nederland in de jaren zestig’, *Tijdschrift voor Sociale Geschiedenis* 21:1 (1995) 37–60.

⁵⁷ Van Zelst, *100.000 fietsventielen*, 75.

O livro de Van Zelst é um ataque feroz contra as chamadas pessoas decentes que desprezavam os “imundos viciados”, mas que se beneficiavam deles, comprando-lhes bens roubados ao procurar por uma bicicleta barata.

À medida que a heroína se tornou mais cara ao longo da década de 1970, os usuários intensivos precisavam de centenas de guilders por dia (comparáveis a centenas de euros hoje). Eles deveriam parar de usar, ou recorrer à mendicância, algum tipo de atividade criminosa ou prostituição. Muitos deles roubaram bicicletas, bolsas, roupas caras, LPs ou eletrônicos das lojas. Peter Derks, por exemplo, gastava cerca de quatrocentos guilders em drogas todos os dias no início dos anos 80. Ele desenvolveu um truque em que alegava vender videogames roubados, e pedia a seus clientes um pagamento antecipado de cem guilders. Na verdade, ele não tinha nenhum videogame, mas os pagamentos antecipados lhe compraram um bom pico de heroína, que ele desfrutava enquanto o cliente esperava em vão. “Quatro clientes por dia eram suficientes”, escreveu ele em suas memórias. De acordo com Derks, era fácil encontrar “cidadãos decentes” que queriam comprar vídeos roubados, e isso “diz algo sobre a moralidade de muitos holandeses”⁵⁸. Ele relata como, à noite, costumava percorrer as casas iluminadas de “pessoas normais” e olhar para suas vidas familiares felizes. Este foi o pior, pensou ele, sentindo-se como um estranho completo, morto e andando por entre vivos⁵⁹.

O fosso entre as “pessoas normais” e os junkies provavelmente cresceu à medida que a “epidemia” de heroína atingiu seu auge em meados da década de 1980. O incômodo e a criminalidade relacionados à droga tornaram-se problemas sociais significativos na Holanda a partir de meados da década de 1970. Possivelmente, a hostilidade pública que experimentaram estimulou os usuários de heroína a, por sua vez, formular pontos de vista críticos sobre as “pessoas normais e decentes”, hipócritas. Amargas lembranças de serem ignoradas e humilhadas são uma característica de muitas entrevistas e autobiografias. Teun Weening lembra-se de como até mesmo os alcoólatras nas clínicas olhavam para eles:

⁵⁸ Derks, *Heroïne*, 81.

⁵⁹ Derks, *Heroïne*, 95.

Naquela época, não éramos nada mais do que “viciados sujos”. Na clínica, eles se certificavam de que você sentia isso também. Lembro-me que tínhamos uma sessão de terapia grupal onde você tinha que dizer-se o tipo de animal que você poderia ver em alguém. Havia um homem, um alcoólatra, que me disse: “Você sabe, você é um corvo. Corvos são catadores que pegam coisas aqui e ali, tudo o que eles querem; e se nada mais é deixado para eles pegarem, então eles se foram”⁶⁰.

Wendela Berg lembra como uma vez, em um ponto muito baixo em sua vida como usuária de heroína, alguém a espancou. Ela terminou deitada no pavimento, semiconsciente e maltratada: “Ninguém me ajudou. Naquela época eu andava bastante suja, como uma usuária de drogas, e as pessoas simplesmente me deixaram ali deitado. Alguns anos depois, quando eu tinha parado de usar heroína e ganhara 12 quilos de peso, e vestia roupas bonitas, caí da minha bicicleta. Imediatamente, três homens vieram para me ajudar⁶¹. Outra mulher sentiu que o pessoal da clínica de metadona que visitava regularmente não lhe mostrava respeito. Ela afirmou que a trataram como uma espécie de pessoa inferior, quando ela e seus amigos eram “a vanguarda” da sociedade⁶².

Revisitando o modelo de saúde pública para usuários de heroína

Embora alguns dos ex-usuários que entrevistei se identifiquem como pacientes que sofrem com a doença, a maioria não o faz. Em vez disso, eles falam de seus encontros com heroína em termos de (más) escolhas. No entanto, em um aspecto suas narrativas são surpreendentemente semelhantes à da saúde pública sobre a heroína: ambos, ex-usuários e defensores da saúde pública, enquadram a “epidemia de heroína” como fenômeno geracional.

Por exemplo, o psiquiatra Wijnand Mulder relacionou a popularidade do uso de drogas com as mudanças na sociedade pós II Guerra Mundial. Mulder trabalhou com jovens usuários de drogas como consultor psiquiátrico no Jellinek

⁶⁰ A transcrição da entrevista, realizada em 25 de novembro de 2016, está em posse do autor deste artigo.

⁶¹ Entrevista com Wendela Berg. A transcrição da entrevista, realizada em 7 de abril de 2015, reside no autor deste artigo.

⁶² Esta citação do autor holandês Aleid S. (1956-2011) foi entregue a mim por Michiel Louter, um trabalhador de tratamento de dependência que era seu conselheiro há anos.

Institute de Amsterdã. Os viciados, segundo Mulder, sofreram uma crise de identidade e *Weltschmerz*⁶³. A memória do Holocausto, por exemplo, para eles era difícil de lidar. “Ninguém sabe como lidar com o assassinato de seis milhões de judeus, esse buraco negro da história com o qual temos que lidar”⁶⁴. De acordo com Mulder, era bastante compreensível que alguns jovens recuassem até adegas escuras para ouvir jazz e fumar maconha, sentindo-se confusos. Em seu livro sobre o uso e dependência de drogas *Verslaving* (1969), ele afirmou que muitos usuários de drogas eram de fato pessoas talentosas artisticamente e intelectualmente, embora com tendências neuróticas⁶⁵. Suas escolhas por um novo tipo de intoxicante, ao invés do álcool socialmente aceito, representou uma rejeição da cultura ocidental “agressiva”, pensou Mulder⁶⁶.

Quando, no final da década de 1970, sob a liderança da Mulder, o Serviço Municipal de Saúde de Amsterdã iniciou um programa de manutenção de metadona em grande escala na capital holandesa, Mulder legitimava essa nova abordagem de Redução de Danos, enfatizando que o uso de drogas na vida dos jovens geralmente era apenas uma fase. Ele relatou o uso da heroína como “um período difícil na vida dos jovens”⁶⁷. Muitas vezes desencadeado por problemas de saúde, um novo relacionamento, o nascimento de uma criança ou outros eventos de vida, as pessoas simplesmente deixaram de tomar heroína. Por conseguinte, distribuir livremente metadona não era uma forma de “desistir das pessoas”, mas orientá-las em um período difícil, tentando minimizar o dano.

Como Mulder, muitos usuários de heroína apresentam suas vidas como parte de uma experiência geracional mais ampla de rebelião e liberdade. Em 1979 e 1980, os entrevistados disseram a Janssen & Swierstra como se rebelaram contra suas famílias. Uma mulher que entrevistaram sentiu-se “empurrada” por seus pais. Ela cresceu em uma família bem-feita em uma cidade provincial e sentia-se “destinada a ser uma boa garota, com aulas de piano, boa

⁶³ Do alemão, “Cansaço do mundo”.

⁶⁴ W.G. Mulder, *Verslaving. Druggebruik bij jongeren* (Amsterdam 1969) 169.

⁶⁵ Mulder, *Verslaving*, 145.

⁶⁶ Mulder, *Verslaving*, 172.

⁶⁷ W.G. Mulder “Het methadonprogramma van de Amsterdamse GG & GD”, *Nederlands Tijdschrift voor Geneeskunde* 131 (1987) 2037–2040, 40.

educação e roupas clássicas. Mas eu sempre me senti irritada, e quando eu tinha 14 anos, fugi”⁶⁸. Outras mulheres disseram a Janssen & Swierstra como se rebelaram contra suas famílias namorando meninos negros do Suriname ou da Indonésia⁶⁹. Isso chocava seus pais, que tinham muitos preconceitos com respeito aos imigrantes.

Também em meu projeto de entrevista, os narradores muitas vezes relacionaram experiências geracionais (como altas expectativas parentais, pressões do sistema educacional ou falta de abertura em suas famílias), com a atração pelas drogas. Alguns relacionam a atmosfera “fria” em suas casas ao legado da II Guerra Mundial. René van Collem, por exemplo, um músico que em 1982 foi expulso banda Doe Maar devido ao uso de heroína, contou algo semelhante em sua autobiografia *Heroïne, godverdomme* (2014). A heroína liberou-o da depressão causada por tensões em casa. Seu pai foi gravemente afetado pela guerra, pois teve que se esconder por ser judeu. Ele sobreviveu, mas sua mãe morreu perto de Auschwitz. De acordo com René van Collem, seu pai nunca falou sobre seus sentimentos, negligenciando esposa e filho.

Outros relacionam rebeldia e descontentamento com o sistema educacional. Em 1969, na Holanda, a idade para o ensino obrigatório passou de 12 para 16 anos⁷⁰. Cada vez mais, os jovens passaram mais tempo na escola e, para alguns ex-usuários de heroína, essa não foi uma experiência agradável. A pressão para alcançar bons resultados era alta. Por uma razão ou outra, houve uma correspondência ruim entre eles e o sistema escolar. Seu comportamento era problemático; eles sentiram que não receberam atenção individual suficiente, e caíram para um nível mais baixo de educação. À medida que falharam, começaram a faltar a escola e procurar entretenimento e reconhecimento em outros lugares. Um narrador descreveu a si e a seus amigos como “refugiados do sistema educacional”⁷¹.

⁶⁸ Janssen and Swierstra, *Heroïnegebruikers in Nederland*, 298.

⁶⁹ *Ibidem*, 296.

⁷⁰ Nelleke Bakker, Jan Noordman en Marjoke Rietveld-van Wingerden, *Vijf eeuwen opvoeden in Nederland. Idee en praktijk, 1500–2000* (Assen 2006) 557–560.

⁷¹ Entrevista com Auke de Jong (pseudônimo), 15 de fevereiro de 2016.

Dentro da saúde mental pública, esse tipo de enquadramento geracional do uso de drogas desapareceu no decorrer dos anos 1980 e 1990. Os usuários de heroína passaram a ser descritos como “população adicta”, que consiste em uma variedade de usuários com determinados perfis individuais. Este perfil articula dimensões biológica e psicológica. O elemento “social” desse perfil individual tornou-se definido em termos de fundo familiar, funcionamento social e eventos de vida⁷². Não foram mais levados em consideração os desenvolvimentos socioculturais mais amplos que influenciam as ondas de uso de drogas. No entanto, há um amplo terreno comum entre as narrativas de (ex)usuários de heroína, por um lado, e a narrativa pública de saúde mental, conforme formulada pelo principal psiquiatra e assessor governamental WG Mulder nas décadas de 1970 e 1980, na medida em que ambos significam o uso de drogas em termos de experiência geracional compartilhada.

Conclusão

Em história oral, nas famosas palavras de Alessandro Portelli, “a subjetividade está tanto no método historiográfico quanto nos ‘fatos’ mais visíveis”. De acordo com Portelli, fontes orais “não nos dizem o que as pessoas fizeram, mas o que eles queriam fazer, o que eles acreditavam que estavam fazendo e o que eles agora pensam que fizeram”⁷³. Quando ouvimos as histórias de vida de ex-usuários de heroína, torna-se claro que eles enquadram seu uso de drogas como parte de uma busca por novas formas de sentir e existir. Ao refletir sobre o papel que o uso de drogas tem desempenhado em suas vidas, as histórias de usuários de heroína constituem uma contundente alternativa para a narrativa atual e medicalizada da “epidemia” de uso de heroína nas décadas de 1970 e 1980. A metáfora da “epidemia” sugere que “o uso de drogas é uma doença, o uso de drogas causa grande sofrimento, os usuários de drogas infectam outros através do contato social e que, conseqüentemente, os usuários

⁷² See for instance, Els Noorlander, ‘De ontwikkeling van de methadonverstrekking in Nederland’, *Medisch Contact* 42 (1987) 402–405; Els Noorlander, *De cirkels van Van Dijk* (Utrecht 1993).

⁷³ Alessandro Portelli, ‘What makes oral history different’, in: Robert Perks and Alistair Thompson (eds.), *The oral history reader* (London, New York 2006) 32–43, 36.

de drogas devem ser colocados em quarentena”⁷⁴. Em vez disso, as histórias de vida de usuários destacam o uso de heroína como “prática do eu”, para adotar a frase de Michel Foucault - uma ação intencional e voluntária pela qual “se tenta desenvolver e transformar-se e alcançar um certo modo de ser”⁷⁵.

Até que ponto este desejo de transformação e protesto cultural era um “verdadeiro” motivador para as ações das pessoas, é impossível determinar. No entanto, é um fato histórico que, desde a década de 1960, o uso de ópio e heroína tornou-se parte de um discurso subcultural e romântico que liga o uso de opiáceos ao desejo de substituir uma existência burguesa e mundana por uma experiência de liberdade e criatividade direta e autêntica. Este discurso ainda se reflete nas narrativas apresentadas pelos (ex)usuários de heroína. A narração de histórias (seja em autobiografias e memórias, ou nos relatos em entrevistas) é um processo pelo qual “desenhamos discursos culturalmente disponíveis para construir narrativas, permitindo contar histórias particulares em momentos particulares”⁷⁶. O fato de que holandeses usuários de heroína, em suas histórias de vida, apresentam regularmente o uso de drogas como uma atividade libertadora, separando-as do mundo sufocante das chamadas pessoas normais, sugere a existência de um discurso que liga o uso de heroína à formação de identidade, em oposição a sociedade.

Na nossa cultura atual, o discurso sobre o uso de heroína como rebelião cultural existe ao lado da narrativa dominante, e socialmente mais aceitável, de vícios como doença. Ex-usuários de heroína parecem se esforçar para unir essas narrativas conflitantes ao contar suas histórias de vida e dar sentido às suas experiências passadas. Para nós, historiadores, o simbolismo subcultural que envolve o uso de heroína é importante e deve ser levado em conta quando tentamos explicar a onda repentina de uso de heroína nas décadas de 1970 e

⁷⁴ Andrew Golub, Bruce D. Johnson and Eloise Dunlap, “Subcultural Evolution and Illicit Drug Use”, *Addiction Research & Theory* 13 (2005) 217–229, 218 DOI10.1080/16066350500053497.

⁷⁵ Cameron Duff, ‘Drug Use as a Practice of the Self: is there any Place for an “Ethics of Moderation” in Contemporary Drug Policy?’, *International Journal of Drug Policy* 15 (2004) 385–393; Paul Rabinow (ed.), *The essential works of Michel Foucault, 1954–1984. Ethics. Subjectivity and truth* (London 1997) 282.

⁷⁶ Stevi Jackson, “Telling stories. Memories, narratives and experience in feminist research and theory”, in: Karen Henwood et. al., *Standpoints and Differences. Essays in the Practice of Feminist Psychology* (London 1998) 47.

1980. Certamente, o novo fluxo de abastecimento da Ásia desencadeou a “epidemia” holandesa de heroína, em primeiro lugar. Explicar o aumento correspondente da demanda, porém, é muito mais difícil, e continua sendo uma questão delicada e complicada. Ao lado de fatores sociais, psicológicos e econômicos, a incorporação de uma história cultural de uso de drogas deve ser parte do esforço compreensivo.

Como citar este artigo: BLOK, Gemma. (2017). “We the Avant-Garde”: a history from below of dutch heroin use in the 1970s. **BMGN - Low Countries Historical Review**. 132(1), pp.104–125. DOI: <http://doi.org/10.18352/bmgn-lchr.10312>